

Diocese de Campo Mourão

Paraná - Brasil

# SÍNTESE

# DIOCESANA

## Sínodo dos Bispos

ENCONTRAR

# ESCUTAR

DISCERNIR







## APRESENTAÇÃO

Esta é uma síntese feita por muitas mãos, como é próprio do espírito sinodal. Muitas pessoas contribuíram em grupos, nas paróquias ou de forma individual, por meio de formulário *on-line*. Foram contribuições importantíssimas.

O Sínodo iniciou-se em outubro de 2021 e se estende até outubro de 2023. Esta síntese que você está recebendo faz parte da primeira fase do Sínodo: tempo de escuta das igrejas locais. Em nossa diocese, esse período foi organizado da seguinte forma:

- a) formação da equipe diocesana;
- b) elaboração do plano de trabalho a ser utilizado no processo de escuta;
- c) formação e envio dos missionários do Sínodo;
- d) processo de escuta;
- e) elaboração da síntese (paroquial e diocesana);
- f) divulgação da síntese conclusiva.

A equipe diocesana recebeu 60 sínteses, o que significa aproximadamente mil páginas. Esse material tão rico é fruto do envolvimento de mais de 10.000 pessoas ouvidas nas paróquias, instituições, grupos, seminários e *on-line*, que produziram mais de quatro mil respostas.

Essas conclusões são as nossas, fruto da escuta de muitas pessoas. Essa síntese conclusiva da fase diocesana, contém muitas coisas da vida e da história da nossa Igreja. As conclusões finais do Sínodo serão publicadas somente em 2023.

É desejo do Papa Francisco, que após este tempo sinodal, nossa Igreja diocesana viva mais a sinodalidade, isto é, escute mais os fiéis, as lideranças, os jovens, as mulheres, os diáconos, os padres e os bispos.

Faça bom proveito deste precioso trabalho. Divulgue para os amigos, torne-o mais conhecido possível. Ele tem o rosto da nossa Igreja.

São José nosso padroeiro, rogai por nós!

*Campo Mourão, 30 de julho de 2022*

+ Bruno Elizeu Verrari

Bispo Diocesano de Campo Mourão-PR

# INTRODUÇÃO

Sínodo é um caminho que o povo de Deus percorre junto. Realizar um Sínodo é viver em sinodalidade, isto é, sob a luz do Espírito Santo exercer na Igreja a missão de anunciar o Evangelho. O Papa Francisco, no dia 10 de outubro de 2021, fez a abertura do “Sínodo para os Bispos” e propôs como tema: “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”.

O processo sinodal tem duração de dois anos e compreende três fases. A primeira nas dioceses e paróquias, a segunda em nível de CNBB e América Latina e a última, chamada “fase da Igreja Universal”, culminará em Roma no “Sínodo dos Bispos”, em outubro de 2023.

Cada Igreja particular ficou encarregada de organizar junto às paróquias o processo de escuta. Em nossa diocese fizemos a abertura do Sínodo no dia 17 de outubro de 2021. Realizou-se encontros de conscientização de forma *on-line* (devido a pandemia) e reuniões com o clero, para encaminhamentos dos núcleos temáticos, a fim de facilitar a participação e atingir, na escuta, o maior número de pessoas.

Confeccionamos um “Manual do Missionário do Sínodo” com orientações básicas e um elenco de perguntas temáticas para ajudar a responder à questão fundamental: Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, “caminha em conjunto”. Como esse “caminho em conjunto” está acontecendo hoje na nossa diocese?

No dia 15 de novembro de 2021, durante a Assembleia Diocesana, foi apresentado o projeto de escuta nas paróquias. Além da equipe central do Sínodo, cada paróquia apresentou duas pessoas denominadas “missionários do Sínodo”, para constituir junto com o padre, a equipe paroquial. Iniciamos neste dia o período de divulgação e conscientização sobre o Sínodo, que durou até fevereiro de 2022.

O período de escuta deu-se de março até maio. Esta etapa foi afetada pela pandemia da Covid-19. Algumas comunidades tiveram dificuldades em organizar as equipes de escuta paroquiais. Outras não conseguiram ouvir os mais afastados, os de outras religiões, as novas periferias existenciais, mas a grande maioria conseguiu fazer uma boa escuta.

Dentro do processo Sinodal, como estava previsto, ao concluir a escuta nas paróquias, a equipe paroquial do sínodo elaborou a “síntese paroquial” e encaminhou para a equipe central do Sínodo ao final do mês de junho.

Foram entregues 60 sínteses, resultado da escuta de mais de dez mil pessoas das paróquias, entidades e formulários individuais *on-line*. Com esse material em mãos, a equipe central do Sínodo trabalhou para compor a síntese diocesana. À nossa frente estava a orientação de que o texto final deveria respeitar o limite de dez páginas. A expectativa e o entusiasmo tomaram conta da equipe, porém, várias perguntas surgiram: Como dar conta? Como contemplar tantas opiniões importantes em um único documento? Como atender a expectativa do Papa, colocando no papel a maior expressão possível das escutas? Como não deixar ninguém de fora?

As sínteses foram distribuídas entre os membros da equipe para ler, reler, resumir, juntar, escrever, contemplar o máximo possível das respostas. Foi um trabalho exaustivo. O tempo era curto para imprimir o resultado e tornar público até o dia do encerramento da fase diocesana do Sínodo, dia 31 de julho de 2022. Sem dúvida foi pela graça de Deus. Ficamos contentes com o trabalho realizado.

O impresso que chega em suas mãos pretende ser a máxima expressão das respostas que recebemos. Foi um trabalho feito por muitas mãos. Uma tentativa de viver, desde já, o espírito da sinodalidade. Pode ser que o texto apresente estilos diferentes, na escrita, na forma de reunir as ideias, mas preferimos deixar assim. Tentamos ser o mais fiel possível.

“A Palavra de Deus caminha conosco. Todos são protagonistas, ninguém pode ser considerado um simples figurante. É preciso entender bem isto: todos são protagonistas” (Papa Francisco, 18/09/2021).



# SÍNTESE DIOCESANA

*Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, “caminha em conjunto”.  
Como esse “caminho em conjunto” está acontecendo hoje na nossa Diocese?*



## 1. COMPANHEIROS NA VIAGEM

*Na Igreja e na sociedade estamos lado a lado no mesmo caminho.  
Sínodo significa “caminhar juntos”.*

Para caminhar juntos neste processo sinodal, precisamos assumir uma Igreja em “Comunhão, Participação e Missão”. Os meios são muitos: celebrações eucarísticas, encontros, retiros, formações, momentos de orações, assembleias e conselhos pastorais e administrativos (paroquial, decanal e diocesano).

Percebe-se que muitos têm ficado de fora do processo de evangelização, como os adolescentes, jovens, idosos, doentes, casais em novas uniões, LGBTQIA+, prostitutas, dependentes químicos, moradores de rua, periferias, pessoas com sobrecarga de trabalho e analfabetas. Muitos desses não se sentem inseridos ou identificados com os padrões pré-estabelecidos.

Para incluir é fundamental uma boa acolhida: acolher com serenidade e amor, utilizando uma linguagem próxima, simples e adequada a cada realidade. É preciso também ir ao encontro das pessoas onde elas estiverem, rezar juntos em suas casas com a Palavra de Deus, conhecer as necessidades, ouvir seus anseios e ajudá-las no engajamento na vida em comunidade.

A dinâmica da evangelização acontece de modo especial com o testemunho daqueles que já foram evangelizados. O método do convidar as pessoas ainda continua sendo um dos mais eficientes neste processo. Precisamos mostrar o que a nossa Igreja já faz de bonito, como a nossa liturgia, práticas de piedade popular, a evangelização por meio das pequenas comunidades, encontros ou retiros, as ações sociais, os processos de formação, IVC (catequese de adultos, itinerários para os sacramentos do matrimônio e do batismo), entre outras atividades.

A partir das respostas recebidas, entende-se que é urgente a preparação de novos agentes de pastorais, movimentos e serviços para que possam ajudar ainda mais no processo da evangelização nas diferentes realidades. É perceptível que há pessoas sobrecarregadas com acúmulo de funções e serviços.



## 2. ESCUTAR

*Escutar é o primeiro passo, mas requer mente e coração abertos, sem preconceitos.*

Fica evidenciado ao final da consulta diocesana, que escutar é um processo que nasce da acolhida do outro em sua particularidade e contexto. É perceptível que a escassez de tempo acaba por prejudicar a construção de relacionamentos interpessoais para além das superficialidades. Leigos, jovens, mulheres, idosos, pobres e consagrados representam uma heterogeneidade significativa com demandas muitas vezes distintas entre si e, para conhecê-las, é preciso escutar.

As respostas apontaram, de maneira expressiva, que a Igreja não tem escutado e nem investido nos jovens com o fortalecimento de estruturas de acompanhamento e espaços de representatividade efetiva, o que evidencia a limitação em aceitar, compreender e acolher o frescor e a criatividade inerentes a estes nas atividades pastorais e/ou litúrgicas.

As mulheres, presença marcante e expressiva na Igreja, com sua motivação e animação nos serviços pastorais (especialmente na catequese, liturgia, pastorais sociais, serviços litúrgicos), ainda são minoria em espaços de tomada de decisão, como em conselhos econômicos, administrativos e deliberativos.

Ao tratar dos idosos, nota-se a presença expressiva na Igreja, no entanto poderiam ser mais valorizados em suas experiências e potenciais, especialmente no contato com as novas gerações.

Quanto aos pobres, fica clara a limitação no processo de escuta efetiva que possa transformar as suas realidades. Nota-se aí, a necessidade de avançar para além do assistencialismo.

Em se tratando dos consagrados, percebe-se um desconhecimento desta realidade no território diocesano, não sendo possível falar com clareza sobre a escuta desse grupo.

No que se refere ao que se convencionou chamar de minorias, na consulta, há uma percepção de que não são suficientemente ouvidas, dados os muros que se elevam desde as perspectivas preconceituosas lançadas sobre o outro, nos vários âmbitos: social, econômico, cultural, político e outros.

É importante relatar que uma parte dos consultados, acredita que a escuta vem sendo feita pela Igreja, que leigos, jovens, mulheres, idosos têm o seu espaço e que, na verdade, estes grupos muitas vezes são os

que não procuram ajuda. Há quem acredite que a mudança deve acontecer nas pessoas e não na Igreja.

Por fim, fica marcada a visão ampla de que é preciso escutar, mas para isso é necessário ampliar os espaços para esta recepção das realidades. É preciso estruturar e organizar o processo de escuta e acolhimento, pois falta muitas vezes preparação para tal ato. Na dinâmica deste tempo, é preciso explorar melhor os meios de comunicação para criar ambientes alternativos de escuta. Outro ponto a ser levado em consideração é que para acontecer a superação da escuta como tarefa exclusiva dos sacerdotes, as pequenas comunidades são apontadas como caminho, onde a dinâmica de escutar deve ser tomada como via que leva às construções coletivas das ações pastorais, para que o processo em si não seja ignorado e caia no esquecimento.



### **3. FALAR**

*Todos são convidados a falar  
com coragem e liberdade, verdade e caridade.*

Acredita-se que a Igreja sempre foi um lugar da acolhida e do diálogo, no entanto, para muitas pessoas, os espaços e oportunidades para se falar têm se tornado cada vez mais escassos. Muitos são os motivos que tem dificultado o processo de falar dentro da Igreja. Os leigos têm desejado uma inclusão mais ativa na vida da comunidade, mas sentem um desconforto, principalmente por não terem muitas vezes o conhecimento necessário para gerar um debate profícuo. Com isso a timidez e o medo de serem repreendidos marcam negativamente esse processo.

A vontade de deixar-se ser instrumento do Espírito Santo para falar, muitas vezes fica comprometida pela falta de empatia e humildade, não só dos líderes religiosos, mas também das demais lideranças da comunidade ou dos grupos.

Percebe-se que a abertura para se falar com ousadia começa sempre por uma participação efetiva das pessoas. Por esse motivo, é preciso acolher a pessoa na vida da comunidade, de forma a conhecê-la, identificando e reconhecendo suas fragilidades e potenciais. Oferecer-lhe uma catequese continuada que a evangelize e motive a atuar na vida da Igreja e da comunidade, fazendo com que se sinta membro do corpo eclesial.

Chama a atenção a necessidade de a Igreja estreitar o diálogo com

a sociedade, pois acredita-se que em muitas situações, a Igreja dificulta as entidades de falarem com coragem e franqueza. Se faz necessário a Igreja envolver-se mais com grupos e questões sociais, muitas vezes, urgentes para o tempo.

A cada dia se torna mais nítida, na vida comunitária, a falta de líderes empáticos com a realidade da comunidade. O afastamento da vida das pessoas, o negligenciar o sofrimento do outro, a falta de espiritualidade evangélica encarnada na vida do povo e da sociedade e a falta de testemunho coerente com a essência cristã, desmotivam a dinâmica do falar.

A insensibilidade e despreparo para acolher a diversidade de opiniões e ideias do outro, faz com que muitas decisões tomadas na vida pastoral, não reflitam a pluralidade da comunidade, prevalecendo sempre uma única opinião e modo de agir de uma única liderança. Esse tipo de comportamento tem desencorajado muitas pessoas, e, às vezes, até afastado os fiéis. Acredita-se que o problema não seja a Igreja em sua estrutura e essência, mas sim as pessoas mal preparadas para assumir as responsabilidades que são inerentes ao cargo que ocupam.

Uma novidade que tem despertado interesse na comunidade são os meios de comunicação, de maneira particular, o rádio e as redes sociais. Com a pandemia da Covid-19, as comunidades paroquiais viram a necessidade de valorizar ainda mais esses meios. Percebeu-se que a abertura sempre existiu, mas não se tinha interesse em inserir-se nos meios. Mais uma vez percebeu-se que o medo de se expor, por falta de uma formação adequada, era um grande desafio a ser vencido. Com a pandemia, a Igreja foi obrigada, mesmo com o amadorismo, a entrar nesse universo da comunicação social. Hoje o diálogo com os canais tem sido maior e mais acessível. Evidencia-se que em muitos casos, os meios de comunicação são usados mais para falar de eventos, do que para formar, evangelizar e sustentar a fé. Chega-se a constatar que, às vezes, os meios de comunicação são usados para controlar a vida pastoral das comunidades e das pessoas e depois inibir de forma nada caridosa as iniciativas realizadas.

## **#AIGREJAQUERTEESCUTAR**



## 4. CELEBRAR

*Só é possível "caminhar juntos" se assumirmos como base a escuta comunitária da Palavra e a celebração da Eucaristia.*

As celebrações são realizadas com dedicação e respeito, num ambiente acolhedor e receptivo. A acolhida das pessoas na porta da igreja foi um item destacado positivamente, mesmo sabendo que uma boa acolhida não se reduz apenas a essa prática. Percebe-se, por outro lado, a pouca participação e interação da assembleia, especialmente em relação às respostas na celebração dos ritos.

Há uma grande expectativa nas comunidades eclesiais missionárias como lugar privilegiado para viver melhor essa participação ativa, haja visto, que na pequena comunidade, promove-se nos fiéis mais proximidade, senso de pertença, diálogo e vivência comunitária. Nela se pode vencer a timidez e incentivar a participação nas pastorais, movimentos e serviços, bem como iniciar a fé cristã nas famílias.

A falta de maior comunhão entre o clero, acaba afetando a unidade desejada das celebrações litúrgicas. Pede-se um olhar mais atento à preparação das homilias, de modo que, possam estar mais voltadas à Palavra de Deus e contextualizadas à realidade de vida do povo.

Encontramos também nas respostas, comunidades que destacaram o zelo presente nas celebrações em igrejas (matriz e capelas) e nas pequenas comunidades missionárias. Existem algumas comunidades onde os ministérios do acolitamento e do leitorato têm sido valorizados e outras que encontram dificuldade em avançar, por falta de interesse e comprometimento, tanto do padre, quanto dos fiéis. Em contrapartida, alguns apontam que a formação desses ministérios poderá limitar a participação das pessoas.

Constata-se a necessidade da formação litúrgica para uma melhor participação no mistério celebrado. Essa formação precisa ser estruturada de forma que contemple toda a diocese e não deve se restringir ao clero e lideranças, mas estender-se a todos os fiéis. As sugestões apontam para um processo planejado, sequencial e objetivo, que tenha uma unidade diocesana, promovendo maior eficácia no conhecimento. Com a falta de unidade, as lideranças se sentem sufocadas com as constantes mudanças, onde cada um faz do seu jeito.

O dinamismo litúrgico e celebrativo contém uma marca muito forte da espiritualidade do nosso povo. A leitura orante e a meditação da

Palavra de Deus nas casas, têm contribuído para o crescimento da fé. Encontrou-se nas respostas uma grande preocupação com as tendências litúrgicas, seja rigorista ou laxista. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio para evitar o imperativo dos gostos pessoais. Precisa-se também fomentar celebrações que atinjam jovens e crianças.



## 5. CORRESPONSÁVEIS NA MISSÃO

*A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os membros são chamados a participar.*

O relato dos fiéis nas escutas paroquiais, apontou que todo batizado deve ter a consciência de que é responsável na missão, visto que essa responsabilidade está na essência do ser cristão. Essa formação de consciência deve ter sua origem na família, uma vez que, os pais, ao catequizar e orientar seus filhos, lançam neles as sementes da evangelização que os estimularão a serem novos missionários no futuro.

O ponto fundante para que o cristão viva a dinâmica missionária é a experiência pessoal com Jesus Cristo. Essa experiência pode ser vivida por meio da participação na celebração da Palavra e da Eucaristia, nas pequenas comunidades missionárias e nas diferentes formas de manifestação de fé do povo. Mas para que isso aconteça, pede-se que as homilias sejam mais querigmáticas e se aproximem da realidade dos fiéis.

Nas sínteses paroquiais foram destacadas que muitas são as situações que dificultam, e, às vezes, até impedem os fiéis de serem ativos na missão, por exemplo: o desconhecimento da missão do batizado, o comodismo, o desinteresse em participar da vida eclesial, a mentalidade sacramentalista, o descompromisso familiar, a insegurança para assumir a missão, a falta de conhecimento dos ensinamentos da Igreja, o medo de julgamentos e repreensões e a falta de testemunho das lideranças.

Em relação à participação dos jovens na missão da Igreja, deu-se destaque na necessidade de aprofundar a dinâmica de jovens evangelizar outros jovens. A Igreja precisa inserir-se onde os jovens se encontram (nas praças, escolas, universidades, mídias, casas, etc.), usando de uma linguagem mais atrativa e própria do cotidiano desse grupo. Essa linguagem deve ser expressa nos convites, encontros, retiros, acampamentos, teatros, entre outras atividades oferecidas pela Igreja.

Evidenciou-se nos relatórios que um dos lugares privilegiados para se

despertar a consciência da corresponsabilidade missionária é a catequese. Nela se tem um contato mais próximo com a criança, o adolescente e o jovem, podendo ser um meio eficaz de inserção desses grupos em estágios nas pastorais, movimentos e serviços, permitindo que descubram seus valores e possam colocar seus dons a serviço do Reino de Deus.



## 6. DIALOGAR NA IGREJA E NA SOCIEDADE

*O diálogo requer perseverança e paciência, mas também permite a compreensão mútua.*

Destacou-se que a Igreja está sempre presente nas mais diversas realidades, motivando e convidando todos a escutar uns aos outros, como um impulso do Espírito Santo, que vem para guiar os nossos esforços humanos.

Em se tratando do diálogo a partir de dentro, percebe-se que a Igreja oferece inúmeras oportunidades e espaços: celebrações, conselhos, assembleias, missões, encontros das pastorais, movimentos e serviços, pequenas comunidades missionárias, Campanha da Fraternidade, comunidades religiosas, etc. Todavia, constata-se também que o diálogo nem sempre acontece naturalmente como deveria, por alguns motivos destacados, tais como a intimidação, preconceito, intolerância, fragilidade e prepotência de algumas lideranças. O distanciamento, seja ele geográfico, representativo, afetivo ou por desinteresse de participar, também dificulta o diálogo fecundo. Nessa questão, há quem diga que raramente se vê acontecer encontros entre grupos sociais e religiosos para discussão de assuntos e/ou problemas comuns. O diálogo entre Igreja e sociedade só acontece quando surge uma pauta específica de interesse comum.

No diálogo com a sociedade, a Igreja precisa ser aberta, acolhedora e em saída, participando das discussões de problemáticas diversas e externas de forma interativa, atuando no meio cultural, nos conselhos paritários, nas associações, em políticas públicas, educacionais e instituições de serviços sociais, por exemplo. Destaca-se nesse campo a necessidade da atuação dos leigos, no entanto, percebe-se uma ausência de maior consciência de que cada fiel leigo é Igreja e é sociedade ao mesmo tempo. Diante dessa realidade, sugere-se mais e melhores formações a fim de preparar os leigos para atuarem mais efetivamente em seus campos específicos de missão na sociedade.



## 7. ECUMENISMO

*O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos por um batismo, tem um lugar especial no caminho sinodal*

Conforme relatos no processo de escuta, o ecumenismo é entendido por alguns, como pontual, outros como inexistente. Percebe-se uma grande lacuna no diálogo entre as Igrejas, proporcionado pela falta da cultura do diálogo e do conhecimento da própria identidade religiosa. Outros desafios a serem superados são: a concepção de que a verdade prevalece na sua confissão religiosa, falta de entendimento, interação, aceitação, tolerância, respeito, a insegurança e o proselitismo.

Onde o ecumenismo acontece, é comum ser reduzido a “celebrações ecumênicas”, que são realizadas em ocasiões, como formaturas, eventos públicos e culturais, comemorações diversas, ou em alguns momentos como a Campanha da Fraternidade Ecumênica.

Percebe-se que os padres e os pastores, de modo geral, mantêm relações diplomáticas naquilo que é objetivo comum e bem da comunidade. Quando surgem problemas conflitantes na sociedade, a comunhão entre os líderes religiosos, faz com que aos poucos o individualismo seja superado e o ecumenismo ganhe força e visibilidade.

No quesito do diálogo inter-religioso, pouco, ou quase não se percebe atividades em comum. Se o diálogo entre nós católicos é falho, para fora, com o diferente, é ainda mais desafiador.

As sugestões apresentadas pelos escutados pedem a realização de formação que suscite e fomente diálogo, amor, oração, estudo, acolhida sem rotulações ou preconceitos, ações concretas em conjunto e prestação de serviços sociais em favor do bem comum, que aproxime e faça acontecer maior comunhão e integração entre as pessoas de fé, levando-as a compreender que Deus usa de muitas maneiras para converter e trazer a humanidade para Si.





## 8. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

*Uma igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável*

No que se refere à contribuição da comunidade no planejamento da ação evangelizadora, as reflexões e opiniões são as mais diversas. Para alguns, tem acontecido de maneira satisfatória e se deve à existência de um espaço de abertura, inclusão e participação, onde prevalece a experiência do diálogo, da partilha e do respeito às opiniões e vozes de todos. Em contrapartida é grande a insatisfação, e, muitas são as opiniões contrárias, nas quais a percepção de uma estrutura centralizadora, autoritária, clericalista, excludente e intimidadora por parte do bispo, padres e lideranças, dificulta a experiência do diálogo, da escuta e da participação do povo nas tomadas de decisões.

Por inúmeras vezes aparece a afirmação de que o envolvimento do leigo no processo de planejamento pastoral se restringe à participação de poucos nas assembleias paroquiais, decanais e diocesanas. Percebe-se que muito se planeja e pouco se executa. Por exemplo, quando há mudanças de padres e coordenações (paroquiais ou diocesanas), há uma ruptura na continuidade dos processos iniciados. Daí a importância de os leigos serem ouvidos e envolvidos nas decisões.

Em relação à autoridade exercida no seio da Igreja, para alguns acontece de forma organizada e participativa, dinamizada em seu formato hierárquico. Isto é percebido em nível paroquial, com padres abertos ao diálogo e escuta e, em nível diocesano, com o bispo atuante e sensível às realidades. Porém, outros relatam que tal exercício “não anda muito bem”. Há certa confusão entre governar e servir, prevalecendo uma verticalização nas decisões. Essa desproporcionalidade na forma de governar a Igreja – desde o bispo diocesano – muitas vezes expõe um caráter impositivo e ditatorial que limita a construção de uma Igreja comunhão-participação. O presente modelo de autoridade e governo encontra-se em crise.

Na esfera paroquial, foi destacada a figura de leigos clericalizados que se consideram “verdadeiros donos da igreja”. Alguns padres deixam-se manipular e dominar por estes. Por outro lado, é notório que há leigos desprezados ou não valorizados por outros fieis e pelo clero.

Quanto ao funcionamento dos órgãos sinodais, as opiniões também

são divergentes. Na estrutura paroquial, há quem concorda com o seu funcionamento e eficácia, e os que afirmam não funcionar. Outros ainda, dizem ser figurativo, ou seja, quem decide é o padre com mais duas ou três pessoas. São estruturas seletivas, compostas de membros e cargos muitas vezes vitalícios, e que nem sempre cumprem com o seu papel. Membros que conhecem de economia, porém, nada de Igreja. São órgãos que deveriam se ocupar mais com as pessoas e a missão evangelizadora e menos com as estruturas físicas e econômicas.

Os que experimentam a eficiência dos conselhos, reconhecem estes órgãos como espaços ativos e criativos. Verdadeiros ambientes de estratégias e planejamentos, formações e estudos de documentos da Igreja, diálogo e partilha sobre as necessidades locais, com retidão e transparência.

Em relação aos conselhos diocesanos, alguns afirmam que estes não têm sido valorizados em seu papel ou função, outros, desconhecem os referidos conselhos e suas reais atribuições.

Constatou-se na escuta a necessidade de mudança, e que essa pode ser alcançada pelos processos formativos.



## 9. DISCERNIR E DECIDIR

*Num estilo sinodal tomamos decisões através do discernimento do que o Espírito Santo está a dizer-nos através de toda a nossa comunidade*

De maneira geral, as respostas demarcaram uma consciência dos participantes de que os encontros na comunidade são caminhos para o discernimento acerca das decisões a serem tomadas. Isso se dá por meio dos conselhos de pastoral, administrativos, assembleias e reuniões.

Os direcionamentos pastorais da diocese são iluminados pelas diretrizes nacionais e regionais que, por sua vez, são pautadas no método ver, julgar, agir e celebrar. Percebe-se que esse processo metodológico precisa ser aprofundado para que seja melhor utilizado nas variadas estruturas que perpassam a Igreja local. A metodologia do Sínodo já nos ajudou e lança luzes para uma continuidade, para ouvir mais pessoas, as pequenas comunidades missionárias, as famílias, as mulheres, os jovens e todo o povo de Deus.

Em se tratando da participação nas tomadas de decisão, observa-se que esta é oportunizada, especialmente, em encontros, reuniões diver-

sas, assembleias e conselhos, viabilizando assim, lugares de escuta e diálogo.

Mais uma vez, os conselhos de pastoral e administrativos são mencionados em seu importante papel na caminhada pastoral das comunidades paroquiais e diocesana. No entanto, precisam ser mais valorizados pelo clero e lideranças, potencializando a participação e representatividade dos leigos. Há muitas decisões tomadas pela força da imposição daqueles que estão à frente dos processos, em todos os níveis e, em muitas realidades há somente comunicação das decisões. Daí a importância de fortalecer essas estruturas.

Apontou-se na fase de consulta, a necessidade de permitir que o Espírito Santo conduza o discernimento espiritual comunitário, e que este é fruto da escuta e acolhida da Palavra de Deus, de formações pastorais, estudo bíblico e doutrinal. Na prática pastoral, destaca-se a importância da presença do clero e lideranças na vida e cotidiano das pessoas, para compartilhar suas dores e alegrias. No entanto, a pandemia gerou ou aumentou o desgaste (físico, espiritual e mental) dos clérigos e agentes de pastoral, para isso faz-se necessário um olhar mais atento aos cuidadores, mais do que para as estruturas físicas.



## 10. FORMANDO-NOS EM SINODALIDADE

*Sinodalidade implica receptividade à mudança, formação e aprendizagem contínua.*

Três ideias se destacam nesse item: formação, prática e unidade. A maioria das respostas insistem que ainda faltam formações e que, muitas vezes, os que participam destas são sempre os mesmos, o que impede um rejuvenescimento da vida pastoral da diocese. Também é apontado, por outros, que a dinâmica formativa deve ter foco no trabalho a ser desenvolvido em conjunto, e para isso é preciso investir na qualidade da formação e não na quantidade.

Uma particularidade que surgiu foi a percepção de que a formação dos seminaristas está muito restrita ao ambiente do seminário. Falta um envolvimento mais apropriado na realidade do povo. Aquilo que não é assimilado na formação inicial, dificilmente será vivenciado no exercício do ministério.

A respeito da prática, percebe-se a falta de formação em todos os

níveis (paroquial, decanal e diocesano). Evidenciam também que muito daquilo que é estudado não se concretiza. Essa dificuldade acontece por diversos motivos, destacando-se: a falta de diálogo entre pastorais, a necessidade de um trabalho em conjunto, o uso de linguagem inacessível e um anúncio evangélico marcado por preferências individuais em detrimento do que realmente pede a Igreja.

Sobre o terceiro item, muitos destacam a dificuldade em fazer acontecer a Pastoral Orgânica ou de Conjunto. O individualismo e o relativismo acabam por dificultar esse processo. É preciso que cada dom, carisma e vocação seja colocado a serviço de uma meta comum: tornar Cristo conhecido, e amado no mundo. Para isso, é imprescindível o acompanhamento personalizado, ajudando todos a conhecer as Sagradas Escrituras e a doutrina da Igreja, conforme o mandato do Senhor.

Para viver a sinodalidade é necessário vontade e abertura dos envolvidos. É preciso também promover a unidade que não é sinônimo de uniformidade, canalizando todas as forças em prol de uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão.

# COMUNHÃO PARTICIPAÇÃO MISSÃO

*“Estas três dimensões estão profundamente interrelacionadas. Elas são os pilares vitais de uma Igreja sinodal. Não há hierarquia entre elas. Pelo contrário, cada uma enriquece e orienta as outras duas. Há uma relação dinâmica entre as três que deve ser articulada tendo em conta as três em conjunto.”*



## CONCLUSÃO

A Igreja de Jesus Cristo, ao longo de sua história, concretizou muitos passos e aprendizados. Foi notadamente, no Concílio Vaticano II (1962-1965), que ela percebeu com clareza que o melhor jeito de ser e de caminhar, para bem cumprir a sua missão, é o “jeito sinodal”. Não é tarefa fácil, pois exige muita preparação e profunda conversão de todos ao projeto de Deus.

O aprendizado adquirido deste processo sinodal por nossa diocese é que viva mais em sinodalidade, que é o principal objetivo do Sínodo. O Papa Francisco nos diz que: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Papa Francisco, 17 de outubro de 2015). A sinodalidade representa o esforço coletivo e a busca contínua de aprendermos a “caminhar juntos” como irmãos e irmãs que somos. É um jeito de ser Igreja pelo qual cada pessoa é importante, tem voz, é escutada, capacitada e envolvida na realização da missão. Não se trata de um ser mais importante do que o outro, mas como iguais, fazermos a experiência de fé, frente aos desafios internos e externos que se apresentam em nosso dia a dia.

O espírito sinodal desperta nas pessoas coragem para falar e também para escutar. Este diálogo nos conduz à novidade, de estarmos dispostos e abertos para mudar as opiniões a partir daquilo que escutamos. O Sínodo é um exercício de escuta. Ao escutar, a Igreja segue o exemplo do próprio Deus que escuta o grito do seu povo. O processo sinodal nos dá oportunidade de nos abrirmos à escuta de forma autêntica, sem recorrer a respostas prontas ou a julgamentos pré-formulados. Um passo importante do processo de escuta é superar todo preconceito que geralmente acaba nos conduzindo a divisão.

Aprendemos que devemos superar o clericalismo. A nossa Igreja é cheia de carismas, e todos temos um papel único a desempenhar. Dependemos uns dos outros e temos a mesma dignidade no meio do povo santo de Deus. À imagem de Cristo, o verdadeiro poder é o serviço. A sinodalidade exige que os pastores escutem atentamente o rebanho confiado aos seus cuidados. Todos se escutam por amor, num espírito de comunhão e da missão comum. Assim, o poder do Espírito Santo, manifesta-se de muitas maneiras em todo o povo de Deus e através deles.

Muitas vezes oferecemos resistência ao que o Espírito Santo nos ins-

pira a realizar. Somos chamados a abandonar atitudes de conforto que nos levam a tomar decisões com base apenas na forma como se fazia no passado. Devemos superar a arrogância e a autossuficiência. Estamos todos no mesmo barco. Juntos, formamos o Corpo de Cristo. Abandonando a ilusão da autossuficiência, podemos aprender a caminhar juntos e estar a serviço uns dos outros, construindo mais pontes ao invés de muros que nos separam.

O Sínodo nos ensinou que na Igreja ainda não há suficiente abertura para a escuta, e quando isso acontece, por vezes, não consegue dar respostas suficientes aos clamores. Nesse contexto, percebemos o grande desafio vivido pelas juventudes, que aos poucos estão se distanciando da Igreja, bem como as mulheres que mesmo sendo a maioria nos serviços pastorais, nem sempre encontram nos órgãos deliberativos espaço para contribuir nas decisões eclesiais.

Na escuta deste Sínodo, ficou evidenciada a importância da acolhida e a necessidade de formação. Isso faz lembrar o que diz São Pedro: “Estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir” (1Pd 3,15). Deu-se a entender que as pessoas querem alimento mais sólido, saber porque creem, conhecer mais sobre a Igreja, a liturgia, seus deveres e direitos como fiéis. O povo quer se envolver mais!

Sínodo é tempo para sonhar e investir no futuro. Sejam corajosos para criar um processo local que inspire as pessoas, sem excluir ninguém, a ver o futuro cheio de alegria do Evangelho.



# ESTA SÍNTESE FOI ELABORADA PELA EQUIPE DIOCESANA



**Dom Bruno  
Elizeu Versari**



**Pe. Gaspar  
Gonçalves  
(Contato da Diocese)**



**Pe. Adilson  
Naruishi**



**Diác. Arison  
Nunes**



**Pe. Genivaldo  
Barboza**



**Diác. João  
Magro**



**Pe. Waldir  
Romero Jr.**



**Pe. Wesley  
de Almeida**



**Adaiane  
Giovanni**



**Conceição José  
Sant'Ana**



**Maria do Carmo  
C. Machado**

# MISSIONÁRIOS DO SÍNODO NAS PARÓQUIAS

Afroditi Àrtemis Ariadni Melisinas

Ana Maria de Jesus

Ana Sílvia Albertini Grose

Ângela Girardo da Rocha

Antônio Bosco da Rocha

Antônio Lemos Filho

Antônio Paceli Donato

Aparecida Reberti Dalacqua

Aqueles Jardenia Maião Marques

Benedito Lopera Bosco

Claudio Enrique Oliveira

Cleusa Pereira do Nascimento

Conceição Jose de Santana

Custódio dos Reis Wachesk

Daniel Olegário da Silva

Eliana Maria de Almeida

Elisângela F. B. Perin

Elomi Souza Santos

Emanoel Sordi

Estefany Gomes

Euton Rodrigo Linhares

Evelly Ludwig Mariot

Fátima Ap. Bugno de Oliveira

Franciele Leila Giopato Viell

Helton Augusto Ziger

Isabella Cesconeto

Ivete Luiza Michalkiewicz Pereira

João Carlos Santana

Joice Cleide de Souza

Jucimar Davila Martins

Laíde Lachinski

Larissa Teixeira dos Santos

Lucia Helena Cruz da Silva

Luzia de Fátima Ramos

Magna Ap. da Silva

Magna Ap. Nery Murro

Marcio Ap. Pereira

Marcos Paulo Gonçalves

Maria Ap. Brandani Thome

Maria Ap. de Lima Ferreira

Maria Ap. Rodrigues Vidal

Maria Batista Grupo

Maria Bernadete Garcia

Maria Cleonice da Silva Marques

Maria de Lourdes Costa da Silva

Maria Luiza Barboza

Maria Madalena Batista

Maria Tomé

Marilene Maria Mendonça Moura

Marlene Ap. Trindade Bloch

Marlene Vedovato

Marli Morante

Marli Rodrigues Vidal Fabri

Marly Barreiros dos Santos Moraes

Neusa Ferreira

Níssia Renisz

Nivea Maria Zavadniak

Olinda Gogola Zavarize

Regina Márcia Cruz

Renato do Carmo Nascimento

Roggevan Nalin

Rosana Miguel Camilo

Rosangela Ap. Clemente Leme

Roseli de Oliveira Cardoso

Rosilamar Ap. Machado

Sara Priscila Santos de Paula

Sebastião Gonçalves

Selma Honório de Souza

Sirlene Ap. Correia Santos

Tamara Aparecida Marques

Tatiane Bobato Ziger

Tiago Morello

Valeria Zancan

Vanda Maria Reino de Souza

Verginia Maria Vicente

## **SÍNTESE DIOCESANA DO SÍNODO DOS BISPOS**

Publicado pelo setor de comunicação da Diocese de Campo Mourão  
(Jornal Servindo) em parceria com a Coordenação de Ação  
Evangelizadora (CDAE)

### **JORNAL SERVINDO E CDAE**

Cúria Diocesana de Campo Mourão, 1º andar  
Rua Harisson José Borges, 811 - Centro  
87.300-380 - Campo Mourão-PR

#### **Diretor Geral:**

Dom Bruno Elizeu Versari

#### **Coordenação do projeto:**

Padre Adilson Mitinoru Naruishi  
Padre Gaspar Gonçalves da Silva

#### **Diagramação:**

Renan dos Santos Soiz

#### **Revisão ortográfica:**

Iolanda Marques Paloco

#### **Impressão:**

Grafnorte

**Permite-se a reprodução total ou parcial do material  
veiculado na Síntese Diocesana, desde que citada a fonte.**



# Oração do Sínodo

***Adsumus Sancte Spiritus***  
*"Estamos diante de Vós, Espírito Santo"*

**Aqui estamos,  
diante de Vós, Espírito Santo:  
estamos todos reunidos no vosso nome.**

**Vinde a nós, assisti-nos,  
descei aos nossos corações.**

**Ensinai-nos o que devemos fazer,  
mostrai-nos o caminho a seguir, todos juntos.**

**Não permitais que a justiça  
seja lesada por nós pecadores,  
que a ignorância nos desvie do caminho,  
nem as simpatias humanas nos torne parciais,  
para que sejamos um em Vós  
e nunca nos separemos da verdade.**

**Nós Vo-lo pedimos  
a Vós que, sempre e em toda a parte,  
agis em comunhão com o Pai e o Filho  
pelos séculos dos séculos.  
Amém.**

